

A representação ficcional do homem pantaneiro nas telenovelas brasileiras: um estudo de caso na telenovela “Bicho do Mato”

Ulisflávio Oliveira Evangelista*

Índice

1	Introdução	2
2	Alguns conceitos	4
3	Descrição e análise do objeto	10
4	Referências	13

Resumo

O presente artigo visa explorar o universo ficcional das telenovelas, por meio da apresentação e aplicação dos conceitos da Semiótica Americana, introduzidos na disciplina “Linguagens Visuais e Espaciais”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Eluiza Bortolotto Ghizzi no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens no ano de 2007. De modo mais específico, o trabalho examina a aplicação destes conceitos na logomarca e na trilha sonora de abertura da telenovela “Bicho do Mato”, exibida pela Rede Record de Televisão no período de 18 de julho de 2006 até 20 de março de 2007, escrita por Bosco Brasil e Cristianne Fridman, com supervisão de texto de Tiago Santiago e direção

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens pela UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
E-mail: profulis@ucdb.br

de Edson Spinello, César Rodrigues, Roberto Bomtempo e Daniel Ghivelder.

Palavras-chave: ficção seriada; semiótica; bicho do mato.

1 Introdução

Santaella no livro inicial ao estudo da ciência semiótica intitulado “O que é semiótica?”, nos apresenta de maneira magistral e fácil o que seria a resposta de seu livro. Destaco pra iniciar esse artigo, uma frase que ilustra bem, a nossa situação nesse mundo cercado de significações, nas palavras dela:

...a maior parte das vezes, não chegamos a tomar consciência de que o nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... (SANTAELLA, 1983, pág. 12).

Esse entendimento mundano se faz natural e fundamental para mergulharmos nesse universo extramente prazeroso da semiótica. Partindo então, dessa compreensão, este artigo busca aplicar a estrutura semiótica em um produto. O produto escolhido, por sua vez, está intrinsecamente ligado a um outro, de proporções maiores, refiro-me à televisão, a popular caixa onírica, cada vez mais tecnológica, mais digital, mais espacial.

A televisão, com características ímpares e uma linguagem de fácil assimilação por parte dos espectadores, apresenta enquanto estrutura a exploração dos sentidos. Sentidos que são experimentados muito além do visual ou sonoro. Embora, fica evidente a importância dessas duas categorias no arcabouço teórico da ciência Semiótica. Porém, a televisão através de sua organização, que se percebe no contínuo de grade, busca exponenciar a fabricação de sentidos por parte da sua programação.

É comum perceber, por exemplo, algumas padronizações. Vinhetas, cores, formas, texturas, locução, trilhas, videografismo, planos, movimentos entre outros recursos capazes de aumentar essa sensibilidade em quem recebe a mensagem. E o mais importante de tudo, essas padronizações ou estruturas, são pensadas, construídas e aplicadas, de modo que, o espectador – de maneira geral – não entenda que são artifícios – altamente eficazes – para proporcionar maior prazer visual e sonoro, além de outros sentimentos ou sensações relacionadas ao consumo, mas isso já é um outro assunto.

Tudo isso, conforme apontado na citação da Lúcia Santaella, são linguagens. Linguagens tão dinâmicas quanto aquelas comumente compreendidas pela sociedade – fala e escrita – o universo exploratório de linguagens vai muito além, não tem limites.

Nesse sentido, o produto televisivo escolhido para essa breve análise é a telenovela. Não cabe aqui, aprofundar a importância social das telenovelas não só no Brasil, como também e de modo ainda mais fervoroso, na América Latina – em especial na Colômbia, como um dos principais países produtores desse gênero. No entanto, com suas características muito bem definidas – ao longo de 40 anos de sucesso absoluto no Brasil – e por misturar um amálgama de linguagens e especificidades, originárias de folhetins e outros gêneros populares, a telenovela brasileira se consolidou, tornando-se não só um produto de qualidade que agrada ao seu público, como também, uma referência no gênero da ficção seriada mundial.

Esse gênero apresenta outras peculiaridades. Além de ser desenvolvida em função de situações corriqueiras e cotidianas, é fundamental a abrangência e exploração dessas situações num ambiente extramente popular e familiar. Isso permite ao receptor, uma identificação com as situações ou até mesmo seus personagens, personificando seus desejos e angústias, lutando e vencendo como mais um personagem do lado de fora do enredo. A serialidade não é só uma qualidade obrigatória para classificação de gênero. Ela é extremamente fundamental para a solidificação da audiência. Padronizar horário, duração, bem como, o tradicional de “segunda a sábado”, permite ao telespectador, certo “planejamento” de sua agenda de compromissos, além de provocar – propositalmente – a necessidade de algo mais, esse algo mais vai estar

presente no próximo capítulo e assim sucessivamente ao longo dos – em média – 150 capítulos de duração de seu enredo.

De modo mais específico, a telenovela escolhida para essa análise é a “Bicho do Mato”, exibida de 18 de julho de 2006 até 20 de março de 2007, escrita por Bosco Brasil e Cristianne Fridman, com supervisão de texto de Tiago Santiago e direção de Edson Spinello, César Rodrigues, Roberto Bomtempo e Daniel Ghivelder. A trama narra a trajetória do personagem “Juba” que foi criado pelo pai na fazenda “Boa Esperança” (localizada no Pantanal), junto a natureza e a aldeia indígena “Guaporá”. A outra parte da história se passa no Rio de Janeiro, onde vive a mãe de Juba, que abandonou o filho para ficar com o vilão da história – Ramalho Rodrigues – um poderoso e ganancioso empresário que tenta roubar as terras de Juba e dos índios para exploração de uma mina de diamantes.

Ficaremos restritos nessa análise, a logomarca e a trilha de abertura veiculada constantemente, antes e durante a exibição da telenovela pela Rede Record de Televisão. Tal razão se justifica pela amplitude de capítulos e linguagens possíveis, o que possibilitaria inúmeros caminhos e segmentos de estudo, absolutamente inapropriados para ser apresentado em poucas páginas desse artigo.

2 Alguns conceitos

A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido. São várias as correntes da semiótica moderna, aqui nesse trabalho, trataremos apenas da semiótica desenvolvida pelo matemático, cientista, lógico e filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914).

A semiótica é uma das disciplinas que fazem parte da ampla arquitetura filosófica de Peirce. Está arquitetura está alicerçada na fenomenologia, uma quase-ciência que investiga os modos como apreendemos qualquer coisa de qualquer tipo, que se apresenta a mente. Essa quase-ciência fornece as fundações para as três ciências normativas: estética, ética e lógica e, estas, por sua vez, fornecem as fundações para a Metafísica.

Partindo de uma classificação, as ciências para Peirce, divide-se em três grandes classes: a Matemática, a Filosofia e as Ciências Especiais. Na semiótica americana, a filosofia é o ramo das ciências que examina a experiência cotidiana, buscando afirmar o que sobre ela é verdadeiro. Nas palavras de Peirce: “A segunda classe é a Filosofia, que lida com verdades positivas, pois, de fato, satisfaz-se com observações tais como as que são pertinentes à experiência normal e diária de todo o homem, e nas mais das vezes, em toda hora consciente de sua vida”.

Diagrama representacional – cartografia das ciências

1. Heurísticas (ciências da descoberta)
 - a. Matemática
 - b. Filosofia
 - i. Fenomenologia
 - ii. Ciências Normativas
 1. Estética
 2. Ética
 3. Lógica ou semiótica
 - a. Gramática. Especulativa
 - b. Lógica Crítica
 - c. Retórica Especulativa (Metodêutica)
 - iii. Metafísica
 - c. Ciências Especiais

Seguindo, ainda, uma estruturação triádica, a Filosofia por sua vez é segmentada pela Fenomenologia, pelas Ciências Normativas e, finalmente, pela Metafísica. Ivo Assad Ibri aponta que, a Fenomenologia é a primeira das ciências positivas da Filosofia, sendo também conhecida como Faneroscopia ou Doutrina das Categorias. Para Peirce, por fenômenos ou *faneron* se entende “o total coletivo de tudo aquilo que está de qualquer modo presente na mente, sem qualquer consideração se isto corresponde a qualquer coisa real ou não”. A Fenomenologia por pretender a formação dos modos de ser de toda experiência ou categorias, parece não poder submeter-se a outro método de que não aquele constituído, fundamentalmente, pela coleta de elementos de incidência notável e pela posterior generalização de suas características.

Ivo Assad Ibri destaca uma consciência de dualidade entre duas coisas: uma que age e outra que reage. Essa é a idéia de alteridade ou *alter* dentro da Fenomenologia. A partir da idéia elementar de que as coisas não são o que queremos que sejam nem, tampouco, são estatuídas pelas nossas concepções.

Experenciarmos o elemento primeiro no fenômeno não se caracteriza por um sentimento de dualidade forçado contra a consciência. E na idéia de primeiro, configura-se a categoria que Peirce denomina de *Primeiridade*. A própria palavra primeiro sugere que sob esta categoria não há outro, ou seja, a experiência que a tipifica não traz consigo a alteridade.

A interpretação vivenciada da experiência, com seu entretencimento geral e na sua identidade com o ego, sugere que Peirce irá estabelecer, de um lado, uma identidade entre a idéia de homem e a idéia de representação geral. De outro lado, a experiência, no seu matiz de alteridade, configurará o universo da segunda categoria, tornando-se fundamento central para o pensamento. Peirce destaca “A idéia de *outro*, de *não*, torna-se o próprio pivô do pensamento. A este elemento eu dou o nome de *Segundidade*”.

Na medida mesma em que somos compelidos a pôr em relação à idéia de ruptura de um tempo interno à consciência com a possibilidade desta ruptura ocorrer, também, ao nível de um tempo objetivo, estamos promovendo a mediação entre duas idéias, por ligá-las em um conceito geral. Este conceito geral surge como um terceiro elemento que não se confunde com aqueles postos em relação. O elemento mediador assim descrito perfaz a terceira e última classe do universo fenomênico, a terceira categoria ou Terceiridade. É explícita a conceituação de mediação sob a terceira categoria: *Terceiridade*, no sentido da categoria, é o mesmo que *mediação*.

Primeiridade	Segundidade	Terceiridade
Sentir o vermelho (sem perceber ou se perguntar se ele é o vermelho de alguma coisa).	Perceber o objeto que é vermelho (meramente como outro, sem fazer relação).	Interpretar o objeto como sendo vermelho (relacionar).

Para Peirce, o signo tem uma natureza triádica, ele pode ser analisado:

- a) em si mesmo, nas suas propriedades internas (no seu poder para significar);
- b) na sua referência àquilo que ele indica (se refere ou representa)
- c) nos tipos de efeitos que está apto a produzir nos seus receptores (nos tipos de interpretação que ele tem o potencial de despertar nos seus usuários).

A semiótica trata-se de um percurso metodológico-analítico que promete dar conta das questões relativas às diferentes naturezas que as mensagens podem ter: verbal, imagética, sonora, incluindo suas misturas, palavra e imagem, ou imagem e som, etc. Por ser uma teoria muito abstrata, a semiótica só permite mapear o campo das linguagens nos vários aspectos que as constituem.

Fenômeno na concepção de Peirce seria tudo aquilo que aparece a percepção e a mente. E a fenomenologia tem por função apresentar as categorias formais e universais dos modos como os fenômenos são apreendidos pela mente. Existem três elementos formais e essenciais em todos os fenômenos, conhecidos como: primeiridade, a secundidade e a terceiridade (conforme definição já apresentada).

Quando a lógica triádica do signo fica clara para nós, estamos no caminho para compreender melhor porque a definição peirceana do signo inclui três categorias: a da significação, a da objetivação e a da interpretação.

Da relação do signo consigo mesmo, isto é, da natureza do seu fundamento, ou daquilo que lhe dá capacidade para funcionar como tal, pode ser sua qualidade, sua existência concreta ou seu caráter de lei, advém uma teoria das potencialidades e limites de significação.

Da relação do fundamento com o objeto, ou seja, com aquilo que determina o signo e que é, ao mesmo tempo, aquilo que o signo representa e ao qual se aplica, e que pode ser tomado em sentido genérico como contexto do signo, extrai-se uma teoria da objetivação, que estuda todos os problemas relativos à denotação, à realidade e referência, ao documento e a ficção, à mentira e decepção.

Da relação do fundamento com o interpretante, deriva-se uma teoria de interpretação, com as implicações quanto aos seus efeitos sobre o intérprete, individual ou coletivo.

Através dessas classes, as características peculiares e as ciências e ineficiências particulares de cada diferente tipo de signo são investigadas. Cada tipo de signo serve para trazer à mente objetos de espécies diferentes daqueles revelados por um outro tipo de signo. As classes de signos revelam que espécie um signo deve ser para ser capaz de representar a espécie ou objeto que ele representa.

Tomando como base às relações que se apresentam no signo, por exemplo, de acordo com o modo de apreensão do signo em si mesmo, ou de acordo com o modo de apresentação do objeto imediato¹, ou de acordo como o modo de ser do objeto dinâmico², foram estabelecidas 10 tricotomias. Isto é, 10 divisões triádicas do signo, de cuja combinatória resultam 68 classes de signos com possibilidade lógica de 59. 049 tipos de signos.

Três tricotomias gerais na classificação de Peirce

Categorias	Signo em si mesmo	Relação com objecto	Relação com interpretante
Primeiridade	Quali-signo	Ícone	Rema
Segundidade	Sin-signo	Índice	Dicente
Terceiridade	Legi-signo	Símbolo	Argumento

1. Relação do signo em si mesmo (fundamento – qualidade, singularidade e lei):

Quali-Signo: Mera qualidade (sonora, visual, tátil, etc) – Impressão de alguma coisa. A partir daí você interpreta. Sentido, sentimento, etc.

¹ Cada olhar tem um aspecto, que vai sendo alterado, aparece de modo diferente, com o tempo.

² É o objeto que ta fora do signo – outra coisa diferente da relação mental feita pelo indivíduo.

Sin-Signo: Quando você percebe as características de alguma coisa bem definida, singular. Você percebe as características, mas você não sabe o que é. Ex: conversa com um médico, informando o lugar onde tem a dor, etc.

Legi-Signo: Características gerais, lei, regras. A interpretação já foi feita. Definição / nome.

2. **Relação do signo com o objeto (tipo de relação):**

Ícone: Relação de semelhança – associações.

Índice: Relação de causa e efeito – associação por contigüidade (em algum momento estiveram unidas). Relação física.

Símbolo: Relação convencional, norma, regra, lei (natureza, cultural).

3. **Relação do signo com o interpretante (do mais simples para o mais complexo):**

Rema: Sinônimos de termo, nome, palavra. Quando a interpretação fica no campo da possibilidade – algo que pode ser.

Dicente: Sinônimo de preposição, afirmação ou negação. Quando eu tenho mais características, eu posso afirmar ou negar.

Argumento: Sinônimo de raciocínio lógico. Quando eu consigo argumentar, discutir e defender uma idéia.

Esquema representacional – classificação de signos

TRICOTOMIAS (categorias)	REPRESENTAMEN em si	Relação ao OBJETO	Relação ao INTERPRETANTE
Primeiridade	QUALI-SIGNO (qualidade)	ICONE (semelhança)	REMA (pode ser)
Segundidade / Secundidade	SIN-SIGNO (singularidade)	INDICE (contigüidade)	DICENTE (é)
Terceiridade	LEGI-SIGNO (regularidade - leis)	SÍMBOLO (convenção)	ARGUMENTO (1 ^a abduativo – possibilidade – passado, 2 ^a dedutivo - fato – presente e 3 ^a indutivo - futuro – regularidade e lei) (deve ser)

3 Descrição e análise do objeto

A logomarca utilizada pela telenovela – enquanto recurso de abertura – apresenta características que remetem primeiro, ao seu título, ou seja, “Bicho do Mato”, gravado no tronco de uma árvore. Ela também apresenta outras referências de ligação ao meio ambiente, como por exemplo, vegetação que cerca o desenho e por fim, o mais importante, rastros provocados por meio de pegadas de um felino.

Segue abaixo, a figura da logomarca de abertura da telenovela “Bicho do Mato”.



Analisando o signo imagético enquanto “quali-signos”, “sin-signos” e “legi-signos”, podemos destacar algumas frentes:

a) Cores: A imagem utiliza-se de cores que remetem ao contexto “natureza”, através da vegetação, “riqueza”, se observamos apenas a tipografia com os dizeres “Bicho do Mato”, e como um todo no desenho, remetendo a “pátria” por meio do destaca das cores verde a amarelo. O amarelo amarronzado, por exemplo, pode ser referido, enquanto coloração natural do tronco raspado de uma árvore, como também, remeter a riqueza por meio do ouro, além de servir de referência nacional, como uma das cores da bandeira brasileira. O verde da vegetação, símbolo extremamente natural, representando as matas, também remetendo enquanto símbolo nacional. O preto identificado nas vogais finais que formam as palavras “bicho” e “mato”, são associadas a pegadas. Essa associação, na categorização semiótica de Peirce, revela o índice, uma vez que se refere, numa relação entre signo-objeto, por meio da contigüidade.

b) Formas: O desenho apresenta formas irregulares, a não perfeição. A tipografia não apresenta serifas, também irregular, tanto na forma, quanto no tamanho. A irregularidade do desenho pode ser vista como um processo não mecanizado, portanto, natural, novamente remetendo a proposta inicial. As pegadas de um felino reforçam essa idéia.

c) Volume: A imagem se apresenta de maneira “chapada”, ou seja, num ângulo frontal, tanto poucas margens para a perspectiva, salvo, a tipografia gravada no tronco da árvore.

A música utilizada como trilha sonora de abertura dessa telenovela,

também fornece características que favorecem o contexto “natureza”. A música é de autoria de João Caetano, sendo interpretada por Sérgio Reis e o próprio João Caetano e é intitulada como “Retratos do Brasil”.

Abaixo, segue a letra na íntegra.

O branco, o negro, o índio é o Brasil
Carnaval na terra do futebol
Pimenta-de-cheiro no arroz
A verde floresta tropical
Quilombo livre da dor
A dança é dos carajá
O mar é do pescador

Bate o pé na catira, seu dotô
O batuque da África do Sol
Fez o samba-de-roda do Brasil
Navegar para além do além-mar
Cachaça e canavial
Ouro das Minas Gerais
Café, açúcar e sal

Dessa mistura de raças
Têm os retratos do Brasil
Tira o leite e o mel
Muda de nome os orixás
Cadê minha sinhá, nego fulô?
Quem sabe o be-a-bá tupi-nagô?

O branco, negro, índio
Índio, branco, negro
Branco, negro, índio

Analisando o signo sonoro enquanto “quali-signos”, “sin-signos” e “legi-signos”, podemos destacar algumas frentes:

É possível perceber na letra da música, a grande mistura étnica de formação de nosso país – o branco, negro e o índio – traduzindo também, para as mais diferentes formas culturais e representação dessas

culturas no cotidiano social. Na letra, se percebe três importantes símbolos culturais que representam o Brasil atualmente: carnaval, futebol e floresta tropical.

Outros símbolos que já representaram o Brasil, porém, enquanto produtos mercantis de capital também são destacados, como pimenta-de-cheiro, cachaça, café, açúcar, sal, leite e mel.

A letra apresenta uma proposta de libertação, ao falar “Quilombo livre da dor”, “O mar é do pescador” e também, “Navegar para além do mar-além”. A letra também fala das riquezas do nosso país, nas passagens “A verde floresta tropical”, Ouro das Minas Gerais”.

“Cachaça” e “Canavial” podem ser destacados numa relação de contigüidade – índice.

Ao longo de toda a letra, a música se apresenta com características de natureza, novamente reforçando o contexto narrativo apresentado pela telenovela, bem como, através da tipografia “Bicho do Mato”.

4 Referências

COELHO NETO, J. Teixeira. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

IBRI, I. A. Kósmos Noétos: *A arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

NÖTH, Winfred. *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995.

PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem e comunicação*. São Paulo: Cultrix, [s.d].

SANTAELLA, Lúcia. *A assinatura das coisas: Peirce e a literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SANTAELLA, Lúcia. *Teoria geral dos signos: Semiose e autogeração*. São Paulo. Ática, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica?*. São Paulo: Brasiliense, 1983.